

Os Croiset na história positivista da Literatura Grega*

Henrique Cairus (UFRJ)

Por longas décadas a bibliografia essencial em toda a Europa e América Latina para o estudo da Literatura Grega era a obra dos irmãos Croiset, Maurice e Alfred, intitulada “Histoire de la Littérature Grecque”.

Essa obra que formou gerações de grandes mestres teve seu primeiro tomo publicado em 1887 e seu quinto e último tomo, em 1899. Sua proposta de periodização da literatura grega é vigente até hoje em quase todos os cursos de estudos clássicos.

Paralelamente ao projeto comum, os irmãos Croiset desenvolveram com mútua independência seus trabalhos.

Depois de décadas de atividade como manual de literatura, a obra foi finalmente substituída por outras que não lhe superavam senão por uma feição mais sintética; posteriormente, sua função didática passou a ser desempenhada por manuais mais afinados com a prática de crítica e história literária de nossos tempos. É o exemplo mais célebre deste grupo de obras o manual de literatura grega da Universidade de Cambridge.

Muito recentemente as obras que foram momentaneamente abjuradas em detrimento de outras mais modernas na prática da pesquisa sobre o *corpus* literário voltaram a merecer os olhos dos estudiosos. O lugar dessas obras, porém, não poderia mais ser o de antes. Mas tais obras não merecem também lugar menos digno, pois passam elas mesmas a constituir-se *corpus* de análise, objeto de investigação.

Não faltam mais intelectuais em nossa época que se dediquem ao estudo dessas obras e de seu imaginário. Cito, a título de exemplo, o pesquisador brasileiro José Antonio Dabdab Trabulsi, Professor Titular de História da UFMG e autor da obra “La cité grecque ‘positiviste’”, e o Professor François Hartog, do Centre Louis Gernet da EHESS, que publicou o livro O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges.

Para comentar a obra de fôlego dos irmãos Croiset, começarei pelo seu aspecto mais conhecido: a proposta de periodização.

A periodização, cronológica certamente, trazia, contudo, desde o início, um dado inovador: a idéia de uma transição de estágios que supunha uma convivência de um *modus*

moribundo com outro que nascia. A simultaneidade das expressões literárias serviria, até certo ponto, para reduzir o impacto causado pelo hiato entre as fases dos apogeus de cada um.

Como exemplo dessa perspectiva histórica, penso ser útil citar o início do tomo III, de autoria exclusiva de Alfred Croiset:

Em meados do século VIII, a poesia épica estava visivelmente em decadência. Não que a glória de Homero tivesse sido abalada ou que toda a produção épica tivesse cessado: os gêneros literários jamais perecem assim, por inteiro. Nunca a glória de Homero foi tão difundida e nem tão viva como nos tempos de Sólon e de Pisístrato, por exemplo, quando a recitação desses poemas constituía uma parte essencial da festa ática das Panatenéias.

Nota-se, no trecho, de imediato a preocupação em suavizar a periodização que, não obstante, persiste em sua relação com a idéia de gênero. A associação entre gênero e período é fundamental na história literária croisetiana. A proposta, ainda sobrevivente em alguns currículos universitários, é aquela que faz a épica preceder a lírica (havendo entre elas a poesia dita didática, de Hesíodo); a lírica preceder a historiografia (coeva da medicina e dos filósofos pré-socráticos); a historiografia preceder a tragédia, a sofística e filosofia socrática, etc.

É lícito entrever, nessa opção, traços de um evolucionismo de cunho biológico, onde também as construções humanas participam de um ciclo vital e a cultura da vida confunde-se com a vida da cultura.

O trecho citado inicia com o axioma acerca da decadência da épica no século VIII, e termina falando na glória da mesma épica no século VI. Mas o que parece ser uma contradição é completamente harmônico com a idéia de que uma das vias da decadência é a diluição. Essa é uma idéia presente em toda a obra, e sua função é também a de conciliar qualidade e espaço, gerando, inclusive, uma zona de baixo refluxo, tangida tão-somente pela brisa suave, mas tardia, emanada de um distante turbilhão cultural.

A essa forma de ver a literatura, fundamentada na prerrogativa do progresso (termo fartamente encontrado nas obras dos irmãos Croiset), unia-se uma necessidade premente de traduzir, onde ‘traduzir’ significa buscar inteligibilidade para os dados da Antiguidade, a

partir da correlação, através de verdadeiros símiles, desses dados com elementos coevos a quem os quer compreender.

A preocupação com essa ‘tradução’ é apontada por Dabdab Trabulsi (2001:186-8) como uma marca dos textos dos Croiset. Para exemplificar a preocupação com tal prática, Trabulsi evoca passagens onde a reforma de Clístenes é assemelhada à Revolução Francesa, e a hetairía da aristocracia ateniense do século V, a um clube. E cito apenas estes exemplos, para não citar muitos outros, alguns um pouco mais complexos.

Parece-me certo que é nesse espírito que, com tanta segurança, Alfred Croiset fala sobre gênero literário. O gênero literário, assim como a própria idéia de literatura, concorre para o escopo de decodificar e de adaptar as culturas clássicas ao modelo teórico de inspiração positivista.

A inspiração positivista, marca de sua metodologia rankeana, redundava em marcas características desse tipo de produção, como o etnocentrismo e o conseqüente anacronismo.

Talvez o sintoma mais célebre do etnocentrismo dos Croiset seja seu tainismo racial, baluarte de sua análise da democracia ateniense, para a qual aquele povo teria um pendor nato. Sobre esse tema, é reveladora a argumentação detalhada na obra *Les démocraties antiques*, publicada em 1920 por Alfred Croiset, quatro anos antes do falecimento do autor. Naquela obra, o ínclito helenista afirma: “há raças quase incapazes; essas não saberiam praticar a democracia” (p.334).

Um dos símiles propostos por Alfred Croiset, e que aqui nos interessa mais, é o conceito trans-histórico de “literatura”. Através dele, os irmãos Croiset podem freqüentar a literatura antiga sem precisar conceder às particularidades do universo considerado o redimensionamento do conceito mesmo de literatura.

Como conceito trans-histórico a literatura integra uma espécie de natureza humana, e, assim, não submete a sua essência ao tempo desde seu nascimento homérico. Não se trata – é bom lembrar – de um deslocamento do eixo de observação, como fazemos hoje. Definitivamente, não era essa a questão. Os conceitos trans-históricos perpassam incólumes o tempo, e funcionam como os trilhos da locomotiva do progresso.

O fato de a literatura ser um conceito trans-histórico a distingue das idéias embrionárias, como aquela chamada por Alfred Croiset de “sonho popular”, gérmen do

comunismo, uma vez que o socialismo “não era assim tão estranho ao espírito ateniense” (p.220).

Há, portanto, na perspectiva de Alfred Croiset, ao menos dois tipos de conceitos: os trans-históricos – com nuances de perfeição – e os embrionários, que retroalimentavam o pensamento evolucionista.

Essa percepção do fato literário projeta, por meio de um pensamento analógico, todas as possibilidades categoriais de nossa realidade livresca para tempos e espaços por vezes e até mesmo ágrafos.

Não são, é claro, as mesmas categorias que vão em questão, e nem mesmo os critérios superficiais são exatamente os mesmos. Há, por exemplo, a consideração da métrica como traço taxonômico de um gênero. Mas o significado e a necessidade dessa categorização expressa pelo binômio formado por gênero e estilo de época implicam em postulados imperativos que se fundamentam sobretudo na idéia de ciclo progressivo, característica da prática precursora de Edward Gibbon e da escola do antonomástico von Ranke.

O rigor de uma análise taxonômica clara, codificada conforme os cânones acadêmicos então vigentes, reveste, por vezes, uma perspectiva impressionista que abriga – talvez paradoxalmente – um acentuado tom poético que, conquanto não possam mais hoje contar a fé em seu respaldo científico, não perderam e nem poderiam perder seu valor literário. Cito uma dessas muitíssimas passagens, onde se pode perceber a presença tanto da poesia quanto da retórica. Aqui, Alfred Croiset explicará o conceito de “idéia lírica”, que se é exclusivamente seu, não deve ter soado estranho para seus contemporâneos:

Nada mais fluido do que uma idéia lírica. Por ser discurso, o lirismo é capaz de exprimir idéias abstratas e de relacionar logicamente umas às outras; mas, por ser uma música, é capaz também de ultrapassar a relação lógica e a abstração para se dirigir à imaginação de uma maneira sensível. Eis porque uma idéia lírica ora se aproximará de um julgamento da razão e ora será parecida for com uma idéia musical. Ora, o que é uma idéia musical? É uma certa forma melódica que é excitada na imaginação do músico por uma disposição particular de sua alma. Que não se procure aí uma proposição propriamente dita, com um sujeito, um verbo e um atributo. Pois, com a idéia lírica, é o mesmo. Um certo entrelaçamento de imagens e de pensamentos, fornecidos, sem dúvida, pelas circunstâncias exteriores, mas coloridos pela imaginação do poeta e que evocam uns aos outros, como

notas de um canto, pode deixar na alma do ouvinte ou do leitor uma impressão talvez difícil de formular pelos procedimentos lógicos e abstratos da prosa, sendo, no entanto, límpida e profunda. (t.II, p.439)

Nesse trecho, escolhido quase que ao acaso e pleno de recursos codificados pela retórica clássica, vemos Alfred Croiset atribuí à música o poder de trazer à “idéia lírica” a imaginação conduzida de maneira sensível, e ainda que considere que não temos mais a tal música – uma vez que ele fala de “leitores” em oposição a “ouvintes” –, esse poder impresso pela música no caráter do texto permanece.

A necessidade de explicar o processo psíquico implicado na recepção e também na produção do texto clássico¹ parece indicar que, para esse tipo de produção da história da literatura clássica, na mesma proporção em que o bárbaro ou o selvagem – categorias raramente distintas nesses casos – estão tão próximos da natureza do corpo quanto os clássicos estão da natureza da psiquê.

Assim, para entender os epinícios pindáricos ou qualquer outra produção da antiguidade clássica, é preciso detalhar o processo psíquico que a engendra e pelo qual ela é recebida. Como foi preciso, em outra passagem, falar sobre a natureza do riso para legitimar a produção cômica, aqui também é preciso dizer que a produção de Píndaro é legitimada pelo conceito de “idéia lírica”, e que tal conceito inclui feixes semânticos que se estendem da produção à recepção. Ainda que um dos dois traços primordiais e distintivos do conceito, a presença da música, seja quase completamente ignorada por nós, e ainda que Alfred Croiset reconheça a possibilidade de uma simples leitura (que é o máximo que todos podemos fazer), ainda assim, o conceito se mantém de pé, graças à sua engenhosa retórica.

Ao poeta, ao compositor do poema, a Píndaro, portanto, cabe colorir com sua imaginação as imagens e os pensamentos que vêm de “circunstâncias exteriores”, onde exterior significa, ao mesmo tempo, o que está fora do poeta e o que está fora do texto ou do espetáculo da poesia. Vale lembrar que, embora o autor esteja tratando conceitualmente do lírico, a produção que ele tem em mente é a de Píndaro, o famoso Príncipe dos poetas, em que um “eu”, se existe, é tão diluído que só se o pode notar a muito custo.

¹Neste caso específico, trata-se dos epinícios pindáricos, textos classificados como arcaicos, embora sejam contemporâneos aos primeiros clássicos atenienses.

Ainda sobre esse pequeno trecho que tomei como exemplo, é preciso dizer que, mesmo nele, tão diminuto em relação ao conjunto da gigantesca obra dos Croiset, já estão concentrados e bem indicados os dois rumos que quase um século mais tarde os estudos das literaturas clássicas tomariam: o da produção, que inclui o estudo da arquitetura do texto, de sua estrutura e de seu contexto de elaboração, e o da recepção, que abrange a investigação da performance, da transmissão e da fortuna crítica.

E nessa última modalidade que a valiosíssima obra dos Croiset merece ser examinada, como um monumento e um documento de valor inestimável para a história do pensamento acerca da literatura grega e para a nossa própria história institucional.

Na biblioteca desta faculdade descansa em paz o grande legado dos Croiset, obra outrora disputada com aflição. Não tem a obra dos Croiset a mesma sorte de livros que apenas fazem fortuitas visitas à estante, enquanto seria melhor que ali permanecessem.

Já há tanto tempo considerada ultrapassada, a obra dos Croiset não é conhecida dos nossos estudantes. Mas ali está ela, na nossa biblioteca, guardando a memória do tempo em que se esperava do mundo clássico a grandeza e a pureza que não se podia mais encontrar no presente; a memória de um tempo que, no que teve de pior, talvez ainda não esteja totalmente ultrapassado.

Foi também essa busca pela pureza e pela grandeza, motor – embora pouco mais velado – da famosa obra de Werner Jaeger, e foi também essa busca que sustentou ideologicamente o frenesi racial em torno do arianismo.

Por fim, deixo aqui minha sugestão para que, antes que outros o façam, nós mesmos escrevamos a história da formação da nossa área, lendo, por exemplo, as belas e românticas páginas dos Croiset e de tantos outros que dizem muito mais acerca de como pensamos do que a respeito de como pensaram os antigos.